

Artes Feministas

Artivismos



e Sul Global

Cláudia de Oliveira
Paula Guerra

Confluências de um passado atual

Este livro teve como objetivo compreender, a partir de um conjunto de criações artísticas contemporâneas, realizadas por uma artista feminista do Sul Global, as urdiduras que levaram as mulheres a se tornarem o *Outro do homem* [Beauvoir, 1970:10]. Um processo milenar que ocorre desde a “horda primitiva” e também no “mundo-aldeia”, até a contemporaneidade. Uma longa trajetória que as desvalorizou, depauperou e exauriu. Reduzidas à insignificância, só lhes coube obedecer ou reproduzir as normas da masculinidade para viver num mundo controlado por essa masculinidade, que fundiu as histórias feminina e masculina num todo indiferenciado e à qual só interessa o “disciplinamento” das mulheres e de todos os Outros.

O pensamento feminista, ridicularizado desde as primeiras reflexões filosóficas de iluministas como Mary Wallstonecraft e Olympe de Gauges, ganhou mais adversários no século XX - quando Simone de Beauvoir foi acusada de denegrir o macho francês. Desde a militância feminista nos anos de 1960, culminando com as pensadoras contemporâneas, o pensamento feminista chega ao século XXI como vanguarda política, tal como já assinalaram Eduardo Viveiros de Castro [2014] e Jacques Rancière [2015]. Após essa longa jornada, será que o feminismo continuará sendo visto como um conjunto de mulheres hereges lutando por uma utopia? Ou assumiremos que o feminismo é necessário, uma vez que é um dos movimentos sociais a denunciar um mundo assolado pelo racismo, pelo sexismo, pelas enfermidades, pelas guerras e pela fome que nos levam à morte? Um mundo onde os quatro cavaleiros do Apocalipse, os verdadeiros pressagos do capitalismo, tal como representados na gravura de Albrecht Dürer, foram e continuam a ser os que nos levam à Sexta Extinção?

A história das mulheres entrecruza-se com a história do desenvolvimento capitalista, mas não só. Faz parte também da história da construção do Outro - ou melhor, dos Outros - pelo capitalismo, todos os Outros sobre os quais discorreremos ao longo deste livro. Se, como ressalta Federici [2004], a bruxa encarnou um símbolo vivo de um mundo pelo avesso, sendo vinculada às aspirações milenares de subversão da ordem social, assim também

aconteceu com os homossexuais, os negros e os povos originários durante a colonialidade/modernidade. Pois, até o Renascimento, em muitas partes da Europa a homossexualidade era plenamente aceita e só começou a ser perseguida em conjunto com a caça às bruxas. Segundo Federici [2004], a perseguição aos homossexuais na época foi tão feroz que está sedimentada na memória do Ocidente na palavra *faggot* - termo depreciativo da língua inglesa para designar o homem homossexual e que remete ao facto de que os homossexuais eram obrigados a acender a fogueira onde as bruxas seriam queimadas.

Contudo, as populações subalternizadas resistem. Federici [2004] conta que, mesmo com toda a violência colonial, muitas crianças indígenas foram educadas entre ingleses, cuidadosamente vestidas e ensinadas a se comportar como os brancos; mesmo assim, não há registros de que tenham permanecido na Inglaterra. Ao contrário, todas voltaram para suas próprias nações [Federici, 2004].

Eduardo Viveiros de Castro [2014], partindo do significado do perspectivismo ameríndio, que engloba ideias e cosmologias amazônicas a respeito da maneira como humanos, animais e espíritos se veem entre si, sugere a possibilidade de uma redefinição das categorias clássicas de natureza, cultura e sobrenatural. O pensamento indígena opõe-se inteiramente ao branco, etnocêntrico, que nega os atributos de humanidade aos humanos de Outros grupos e recusa o “animismo” que enxerga estas mesmas qualidades nos seres de outras espécies. Mesmo partindo do pessimismo alegre a que se referiu Viveiros de Castro [2014], o indígena jamais desejou ser o branco, sua luta é para que possa continuar a ser o que é [Viveiros de Castro, 2014]. O ethos indígena nunca se transformou. É desta perspectiva que entendemos que as crianças indígenas levadas à civilização dos brancos lá não quiseram permanecer; quiseram retonar à sua Natureza, seu mundo, que é para eles a floresta.

Amauamas é o encontro da artista com a floresta, com Gaia, com todas as mulheres e todos os Outros mortos ou oprimidos pela colonialidade/modernidade, pela maioria deleuziana: o homem, branco, europeu, cristão. Viveiros de Castro afirma “não ter dúvidas que nosso tempo assinala o fim do Ocidente como guardião universal e que já estamos abertos para a multiplicidade de outras versões de Gaia” [2014: s/p]. Na sua conferência *A Revolução faz o bom tempo*, o antropólogo diz que esse título é utopia e entropia, e parcialmente irônico, porque não existe Revolução, nem bom tempo. São duas ideias obsoletas e o nosso problema é como fazê-las ganhar algum sentido [Viveiros de Castro, 2014: s/p].

Mas nós acreditamos que as criações artísticas de Juliana Notari, por partirem de uma objetividade feminista, podem anunciar um “bom tempo”, tanto no campo da arte feminista e da arte como um todo, como para a própria humanidade. Talvez a arte de Notari já tenha ultrapassado a “nêmia” de que falou Rancière [2015]. Talvez também possamos compreender as criações dessa artista brasileira na perspectiva de que o futuro está aberto e não estamos encerrados nele. Se a salvação é apenas parcial, como afirma Donna Haraway, existe também a recuperação parcial, uma maneira de tentar viver e morrer bem nessa terra com alegria e terror [Fausto, 2014].